



Negação e Pós-verdade: mecanismos psíquicos no processo de disseminação e aceitação de conteúdos falsos

Luciano Guimarães Só de Castro¹³

José Isaías Venera¹⁴

Resumo:

O trabalho analisa o negacionismo e a disseminação de conteúdos falsos na mídia digital a partir de conceitos da psicanálise. Em um fenômeno de hipermassa¹⁵ com características próprias das redes digitais, as *fake news* podem operar em consonância com o mecanismo de defesa descrito pela teoria psicanalítica. A primeira parte do estudo se detém ao mecanismo psíquico da negação (*Verneinung*). Na segunda parte, a abordagem se volta para o cenário das narrativas que se convencionou chamar de *fake news*, veiculadas na mídia digital. Temos como objetivo mostrar a disseminação de conteúdos falsos como manifestação de um sintoma social e do sujeito. A facilitação de processos emocionais e o empobrecimento simbólico da sociedade aumentam a dispersão da informação e sua tendenciosidade política. Para tanto, utilizou-se uma abordagem metodológica qualitativa para analisar os resultados da ferramenta Google Trends, de março de 2020. Com o estudo, conclui-se que a velocidade e a quantidade de informações não estão compatíveis com a capacidade humana de processamento, saturando a realidade com fluxos de conteúdos.

Palavras-chave: negação; pós-verdade; *fake news*; psicanálise.

Abstract:

The work analyzes denialism and the dissemination of false content in digital media based on concepts of psychoanalysis. In a hypermass phenomenon with characteristics typical of digital networks, fake news can operate in line with the defense mechanism described by psychoanalytic theory. The first part of the study focuses on the psychic mechanism of denial (*Verneinung*). In the second part, the approach turns to the scenario of narratives that are conventionally called fake news, conveyed in the media. We aim to show the dissemination of false content as a manifestation of a social symptom and the subject. The facilitation of emotional processes and the symbolic impoverishment of society increase the dispersion of information and its political bias. To this end, we used a qualitative methodological approach to analyze the results of the Google Trends tool of March 2020. With the study, it is concluded that the speed and quantity of information are not compatible with human processing capacity, saturating reality with content flows.

Key words: denial; post-truth; fake news; psychoanalysis.

¹³ Mestre em Filosofia e graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Especialista em Psicologia Clínica. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica. Formação em Terapia do Esquema (Schema Therapy). Graduado em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali). E-mail: lgs.contatolivre@gmail.com

¹⁴ Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Mestre em Educação e graduado em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Formação em Psicanálise pelo Instituto Maiêutica de Florianópolis. Professor dos cursos de comunicação da Univali e da Universidade da Região de Joinville (Univille). Membro do Núcleo de Pesquisa em Educação, Políticas e Subjetividades (NEPS/Univille). E-mail: j.i.venera@gmail.com

¹⁵ O conceito de hipermassa foi rapidamente desenvolvido no artigo *Da rede à crueldade: "Aqui é Bolsonaro"*, publicado no *Le Monde Diplomatique Brasil*, em 2 de agosto de 2022. Ver: <https://diplomatique.org.br/da-rede-a-crueldade-aqui-e-bolsonaro/>. Acesso: 5 jun. 2023.

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda o fenômeno da desinformação, negação e produção de *fake news* à luz da teoria psicanalítica. Parte-se da compreensão do mecanismo psíquico da negação (*Verneinung*), desenvolvido por Sigmund Freud (1925/1996). *Fake news* e pós-verdade são apresentados a partir da crítica à pós-modernidade e suas consequências no mundo digital. Mostra-se o desgaste das narrativas que compõem a realidade e a exploração excessiva de conteúdos emocionais, passando a ocupar, em muitos casos, o lugar de verdade. Esse processo indica o declínio da informação construída a partir de fatos. A informação, no jornalismo, está ancorada nas evidências (fatos) do acontecimento. O excesso de opinião, a ausência de fontes, o apelo às emoções são alguns dos traços que marcam a crise da verdade.

O que significa construir um sentido da realidade a partir do intenso fluxo midiático, cuja credibilidade é suspeita? A informação e o entretenimento se imiscuem nas demandas de interesses políticos, muitos deles, escusos, movendo estruturas psíquicas e percepções anômalas. O ódio, como um dos afetos mobilizados, sobretudo, nos jogos políticos para disputar eleitores, predomina com seu par opositor, o amor, alçando personagens à categoria de mito.

Esse cenário que integra os fluxos digitais – marcado pelo par amor/ódio –, tão bem expresso na polarização política brasileira, não é construído pela voz da *polis* em disputa. A verdadeira disputa se dá através do antagonismo, das contradições, dos meios dominantes para fabricar verdades massificadas (ou pós-verdade). A verdade passa a ser um sentido em debate, independentemente de sua relação com os fatos.

Nesse contexto, o campo da psicanálise oferece um caminho de análise do fenômeno, partindo da compreensão dos mecanismos de defesa como proteção do próprio sujeito. Estruturas psíquicas que compõem as subjetividades encontram ecos nas *fake news* alçadas a valor de verdade. Os conteúdos sem lastro com os fatos formam a pós-verdade.

Na amostragem dos fatos e do falseamento das notícias, recorreremos à Agência Lupa (2020a), de verificação de conteúdos falsos na internet. Para amarrar esse debate, o artigo tem como fonte empírica os resultados da ferramenta Google Trends, de março de 2020, por meio da qual se verificam os conteúdos prevalentes no embate da atenção do público, após declaração da Organização Mundial da Saúde decretando a pandemia mundial pela contaminação, à época, do novo coronavírus.

MECANISMOS DE DEFESA

O falseamento da informação a partir do saber psicanalítico pode ser articulado com a noção de negação em Freud (1996). A palavra negação, em português, detém, em sua etimologia, tanto o sentido de negatividade, quanto de ação fusionada (NEGAÇÃO, 2020). Esse movimento ainda traz uma oposição ao positivo. Entre os polos de elucidação e obscuridade, a negação encontra-se na obscuridade. Essa ação de uma negatividade está presente na negação. Os fatos são negados. A realidade é negada. A ciência é negada no movimento negacionista. A negação, neste momento, se transforma em ideologia (no seu sentido etimológico). Ideia de negação. Para além da negação, a psicanálise pressupõe uma estruturação do inconsciente frente à realidade. Freud (1996), em 1901, escreveu *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, em que o inconsciente está presente nos lapsos da fala, ou seja, os atos falhos que negam o controle da realidade pela consciência.

A trilogia da Negação (*Verneinung*) é verificada em Freud e outros autores pelo Recalque (*Verdrangung*), típico do neurótico; a Denegação, desmentido ou perversão (*Verleugnung*); e a Rejeição, repúdio ou forclusão, visto nas psicoses (*Verwerfung*). Três caminhos para a solução do reprimido pelo mecanismo da negação. Por esta razão, chamamos de mecanismos de defesa (*Abwehrmechanismen*) “não apenas em reivindicações pulsionais, mas em tudo o que pode suscitar um desenvolvimento de angústia: emoções, situações, exigências do superego, etc.” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1970, p. 358).

As três instâncias da negação podem ser visualizadas no Recalque, na Denegação e na Rejeição. Apesar de nossos juízos morais nos levarem, muitas vezes, a reducionismos maniqueístas, o olhar de Freud é ampliado sobre três modelos de compreensão psíquicos: dinâmico, topográfico e econômico, descritos no capítulo sete da *Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/1996). Nesse período, Freud tinha em mente reconhecer a psicanálise como científica, apesar da falta de métodos rigorosos (FREUD, 1940/1996).

Sobre o conceito do Recalque (*Verdrangung*) temos em vista o esquecimento, ou melhor, a viseira que impede o contato do consciente com o objeto traumático, “mantendo algo afastado da consciência” (SOUZA, 2010, p. 113). A personalidade neurótica fantasia a realidade para lidar com ela. A neurose acaba se tornando a via pela qual fica escondido o desejo do sujeito (que é da instância do inconsciente). Esse fato foi exatamente o que Freud e Breuer (1895/1996) observaram, em seu trabalho com as histéricas, pois seus desejos eram reprimidos e acabavam por desenvolver distúrbios corporais severos, as chamadas conversões. A Denegação (*Verleugnung*) é abordada como um mecanismo interno de proteção dos acontecimentos externos.

O sujeito utiliza-se da realidade a seu modo, buscando um benefício ainda que haja um prejuízo em relação às alteridades. É um tipo de distorção, cujo aspecto da personalidade se utiliza de elementos da realidade para servir em seu desejo, pervertendo, criando uma versão

própria da realidade que ele possa manipulá-la independente de considerar o desejo dos outros. Por não ser um delírio, ele acaba por ter a aparência de funcionar adequadamente na sociedade ainda que a corrompa sempre que possível. A utilização de uma pessoa como uma coisa, um fetiche, objeto mágico, é uma das características dessa instância psicológica. (FREUD, 1927/1996).

Através da Rejeição (*Verwerfung*) encontramos um maior distanciamento da realidade por, justamente, ela não ter sentido dentro da pessoa. Chamamos de psicótico aquele que fragmentou a integridade de seu “eu” próprio, cindindo profundamente com as fantasias e, portanto, criando no lugar delas, alucinações. A alucinação tipicamente paranoide de Schreber (FREUD, 1915/1996) é o melhor exemplo, sobretudo, quando o juiz considerou ser uma mulher que seria penetrada pelos raios solares de Deus. Essas observações são reforçadas quando temos em vista outro caso clínico de Freud (1918/1996), o paciente Sergei Konstantinovitch Pankejeff, *O Homem dos Lobos*. Este paciente relatou ter cortado o dedo aos cinco anos de idade e não ter olhado para o dedo cortado. Este fato apresenta o modo particular no qual o *Homem dos Lobos* lidou com um sofrimento de cunho traumático, mudando a realidade de sua percepção para um objeto exterior a ele – profundo temor à castração de seu pai. Por ser tão insuportável, não era vivido de maneira fantasiosa, mas sim na forma de uma alucinação. Eis a diferenciação entre o Recalque (*Verdrängung*) e o mecanismo da Psicose (*Verwerfung*).

Em todas as formas de Negação (*Verneinung*) psíquicas, denominadas pelo léxico freudiano, encontramos o inconsciente propriamente dito, a parte humana que compõe com o consciente, formando uma sensação de totalidade, aplainamento tanto da composição mais complexa que denominamos Eu. Ele se constitui como resultado do que queremos para nossa vida, incluindo os elementos interrompidos ou mal resolvidos.

A repulsa à realidade, manifesta em expressões de ódio, é um movimento refratário ao outro que representa ameaça. É possível transpor o fenômeno da *belle indifférence* descrito por Freud e Charcot (1895/1996), de conversão histérico, para nossa atualidade (CASTRO, 2017), principalmente para o fenômeno observável nas redes sociais. Esse indivíduo que destila seu ódio é o mesmo que diz amar a família. E não podemos duvidar desse amor. Porém, somente é possível que esse ódio venha para fora com um distanciamento dele. A ruptura premente do ego para suportar a necessidade e a utilização da linguagem também como um fetiche. Sendo assim, também acompanhada das outras duas formas práticas do desmentido: o sadismo e o masoquismo (STOLLER, 2015). Ainda que haja linhas divisórias entre as personalidades do neurótico recalado e o fetiche do perverso, encontram-se pequenas perversões nas formas adotadas pelo indivíduo ao enfrentar seus conflitos inconscientes.

Essa borda difusa (neurose e perversão) não é discutida na teoria freudiana, mas esse campo limiar nos ajuda a relacionar com um tema proposto neste trabalho; a *pós-verdade*. Ela necessita de uma *pós-negação* como possibilidade de compreensão da atualidade. Esse

indivíduo e seu inconsciente têm expressão voltada ao objeto em uma descarga *fetichizada*. Perversão moldada para um lugar de fetiche. Fantasia colocada em ação. Deslocamento com toda a força de atuação.

Freud evidenciou como o inconsciente está em paralelo com a sociedade diante da instauração das leis, desde a instituição simbólica do totem como organizador dos clãs familiares (FREUD, 1913/1996). Diante do medo da castração, os aborígenes desenvolveram a instituição totêmica como forma de expiar a culpa pelo desejo de assassinato do pai ancestral.

Temos aqui a negação mais extrema do grande crime que constituiu o começo da sociedade e do sentimento de culpa. Mas há, nesta última representação do sacrifício, um significado que é inequívoco. Ele expressa a satisfação pelo primitivo representante paterno ter sido abandonado em favor do conceito superior de Deus. Neste ponto, a interpretação psicanalítica da cena coincide aproximadamente com a tradução alegórica e superficial dela, que representa o deus a vencer o lado animal de sua própria natureza (FREUD, 1913/1996, p. 157-158).

Anos mais tarde, o autor, em seu trabalho *Mal-estar na civilização* (FREUD, 1929/1996), trouxe mais reflexões sobre como a sociedade incute culpa e, dessa forma, projeta em grande parte nossas disposições a um fim último como parte da realidade, ao nos separarmos do puro prazer. Este fato acaba implicando outro problema de grandes proporções: “Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas” (FREUD, 1929/1996, p. 96). Ele se dá conta de que o isolamento é uma forma de evitar desprazer, ainda que tenha pouco contato na direção de uma felicidade genuína. Nossa sociedade se fechou muito mais e hoje os “sozinhos” são sinônimo de autonomia na escolha. A vida neurótica, aqui, é celebrada como a via de acesso a um tortuoso caminho à felicidade. “Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica, porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade” (FREUD, 1929/1996, p. 106-107). O criador da psicanálise anuncia como nossa vida está se tornando estéril e fugaz. E por esta razão nossa liberdade começa a nos trair, pois começamos a participar do processo civilizacional com mais ênfase do que jamais pensamos em toda a história.

COMUNICAÇÃO, FAKE NEWS E NEGACIONISMO

A verdade no jornalismo é construída a partir da apresentação dos fatos, dos vestígios que compõem determinado acontecimento. A estrutura narrativa do jornalismo compõe a realidade a partir das mídias, tendo sua origem moderna no século XIX (TRAQUINA, 2012). É nessa estrutura já conhecida, que integra a subjetividade, que as *fake news* operam, ao se aproveitarem de um modelo rapidamente identificável que, na maior parte das vezes, conta com

título, linha de apoio, fontes no texto, foto e legenda. O detalhe é que apenas parte dos dados apresentados tem relação com os fatos, sendo na sua maioria, “fatos” inventados. Realidade cada vez mais recorrente, fez com que surgissem as agências de checagem dos fatos e, entre elas, a Agência Lupa (2020a) que se declara a primeira verificadora de notícias falsas do Brasil, desde outubro de 2015. Uma das mais atuantes, sendo que em seu *site* podemos pesquisar fatos que circulam na internet e que foram verificados com a sua validade.

A metodologia adotada pela agência Lupa é a pesquisa feita por jornalistas em matérias, redes sociais e *sites* em um trabalho investigativo. No mês de março de 2020, houve 89 publicações verificadas pela Agência Lupa. Dezenove publicações foram noticiadas como falsas, relacionadas à cura, prevenção ou ao tratamento da Covid-19. Outras 42 publicações verificadas como *fake news* tem relação com a pandemia. Chega-se ao número 68,54% de publicações da agência Lupa relacionadas à pandemia (LUPA, 2020a). Essa porcentagem se deu ao final do mês de março de 2020, foi precisamente o mês no qual o Brasil foi comunicado sobre a nova doença.

Os disseminadores de notícias falsas usam de conteúdos de relevância para a audiência. Um dos exemplos, é o grande volume de notícias distorcidas ou falsas sobre a pandemia de 2020. Entre as verificações pela Agência Lupa (2020b), no dia 3 de março, antes que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretasse a situação de pandemia mundial, um vídeo que circulava nas redes indicando vinagre para combater o coronavírus como sendo mais eficiente que o álcool setenta por cento, sendo este último recomendado por especialistas e virologistas. Outra desinformação desmascarada através da parceria da Agência (LUPA, 2020c) com o Facebook estabelecida em 2018, foi em 4 de março; o conteúdo apresentava a vitamina C e água quente com limão para a prevenção ao coronavírus.

As *fake news* proporcionam uma facilitação extremamente simplificada da realidade. O fenômeno intensifica o falseamento da nova realidade criada pela *deepfake* e a *inteligência artificial* em um grau jamais visto na história, numa manipulação que ultrapassa a simulação da realidade como se pode ver no museu de cera Madame Tussauds, com suas cópias *kitsch*. Após a Segunda Guerra Mundial, foi possível vivenciar a incipiente estetização e a generalização na sociedade, dando luz ao fenômeno chamado de pós-modernidade ou a lógica cultural do capitalismo tardio (JAMESON, 1997; HARVEY, 2008). Como exemplo da estetização do mundo, temos o aparecimento de uma sociedade em que a espetacularização ganha força, substituindo tanto o conhecimento quanto os valores ao superficializar as relações humanas. Esse processo resume o prazer na totalidade da experiência de um sujeito diante de um objeto que lhe surge aos sentidos.

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo o olhar e toda a consciência. Pelo fato de esse setor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão-somente a linguagem oficial da separação generalizada (DEBORD, 1997, p. 14).

Assim, é possível verificar uma aproximação entre os lugares de entretenimento e os de cunho informativo. A informação na sua objetividade precisa de um conjunto de olhares que consubstanciam a coleta de dados adequada sobre os fatos. Ainda nessa escalada tecnológica, observa-se o conhecimento ser corrompido pelo *big data*. Esses megadados ficam à disposição para análise, uma vez que ela não é mais possível por meios tradicionais de coleta. Estamos diante de dados não paramétricos, com relação a dados que não podem ser caracterizados por uma distribuição específica, mas por uma rede de atribuições mais complexa, em consequência do enorme volume de informação processados pela Inteligência Artificial (IA).

O processamento das informações digitais tem trazido para o vocabulário atual essa nova expressão, *big data*, e a discussão sobre as liberdades. O pesquisador bielorusso Evgeny Morozov (2020a), em sua matéria publicada, em 2014, no *The Guardian*, “The rise of data and the death of politics”, que deu origem ao livro “Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política” (MOROZOV, 2018), salienta que o processamento dos dados e os metadados contribuem para a vigilância da população. A orientação desses dados como forma de manipulação e modulação favorecem a interesses particulares e ideológicos, tem sido denunciada como a nova forma de vigilância das liberdades.

Com os megadados (*big data*), inúmeras associações são feitas para intensificar as interações. Imaginamos uma decisão sem erro, um desejo rapidamente atendido, um sujeito que não é colocado em falta, pois imediatamente um caminho é sugerido. Não apenas indica como induzir o caminho a seguir. Este fato nos leva ao conhecimento assertivo do algoritmo – municiado pelo *big data* e pelo *machine learning* (aprendizado de máquinas) – sobre nossas atitudes e personalidades, muito antes de termos a clareza desse processo. No entanto, o sujeito, ao contrário das máquinas, se constitui na falha, na falta e é marcado pelo inconsciente.

Como já foi observado, as ciências biológicas afirmam atualmente que todos os mamíferos e todas as aves, e pelo menos alguns répteis e peixes, apresentam sensações e emoções. Contudo, as teorias mais recentes sustentam também que sensações e emoções são algoritmos de processamento de dados bioquímicos. Já sabemos que robôs e computadores processam dados sem ter nenhuma experiência subjetiva; será que isso funciona da mesma maneira com os animais? Realmente, mesmo nos humanos muitos circuitos cerebrais sensoriais e emocionais podem processar dados e desencadear ações de modo completamente inconsciente. Assim, quem sabe por trás de todas as sensações e emoções que atribuímos aos animais — fome, medo, amor e lealdade — se ocultem apenas algoritmos inconscientes e não experiências subjetivas? (HARARI, 2016, p. 96).

Tal como um sistema cibernético fechado, autorregulado e circular, cuja causa (*input*) e consequência (*feedback*) são absolutamente controlados. A fórmula de aprendizagem, neste caso, a manifestação da resposta lançada pelo algoritmo, se dá junto a um banco de dados em que a pessoa é impotente ao que é processado. Estamos expostos e marcados pela perda, ainda mais intensificada, da autonomia do sujeito.

O fenômeno da pós-verdade expõe a perversidade diária. Não se está falando da situação aguda de uma patologia que chega ao tratamento clínico ou aos tribunais. Assim como a

banalidade do mal que Hanna Arendt (1999) revelou, tem-se como escopo a negação de todos nós. O falseamento da realidade e da verdade diante de fatos está para o inconsciente do sujeito angustiado assim como o tônico capilar está para os carecas. Ele de alguma forma suspeita que não funciona para readquirir seus cabelos, porém é prazeroso ter a esperança e ser enganado. Para o mecanismo de defesa do frágil ego é necessária uma nova realidade criada para proteger contra o sofrimento das perdas que a vida impõe.

As *fake news* ou engodos digitais ficam à disposição para aqueles que necessitam. A prática do charlatanismo, o uso da *ciarla (conversa)*, para ludibriar é antiga na história, já que apenas o desejo de “cura” ou de um conforto ou, ainda, beleza prometida proporciona a negação da racionalidade instrumental como arma para desvendar a cilada. A ação racional é impositiva. A dificuldade quando se trata sobre o inconsciente é que os vestígios desse falseamento e a enganação estão protegidos por estruturas psíquicas que não podem ser reveladas pelo sujeito. A tentativa de clareamento da razão é percebida como um ataque direto à sua integridade. Diferente do sentimento de injustiça e revolta por ser enganado por um charlatão, o ataque ao ego é sentido como uma ruptura do próprio ser integral.

Após a inauguração da psicanálise em 1900 e ainda após 1968 nas mudanças críticas sofridas na sociedade, não é mais possível ver um fenômeno e retornar ao obscurantismo da idade média. Se o iluminismo não trouxe a plena satisfação (proposição impossível na psicanálise) para as angústias da humanidade, mesmo assim o saber científico e técnico tornaram-se fundamentais para as sociedades civilizadas, não justificando a negação total aos avanços recolhidos até aqui. A pós-verdade vem com uma patologia social que invoca todas as dinâmicas de análise do comportamento humano, percepções e estados emocionais envolvidos nesse processo.

Entre os fenômenos da comunicação em que a desinformação solidificou falsas verdades, temos, entre outros: a propaganda nazista de Adolf Hitler, de 1933 a 1945; as narrativas que classificavam como revoluções democráticas os golpes de estado na América Latina nas décadas de 1960 e 1970.

A pós-verdade, enquanto enunciação corrente do nosso tempo, tem sua emergência no artigo de 1992, “The Watergate Syndrome: A Government of Lies”, Steve Tesich (2020), quando utilizou o termo para definir o que observava sobre as emoções e desejos de viver em um mundo fustigado pela mentira. Em 2016, a pós-verdade foi eleita pelo Oxford Dictionaries (WORD, 2020) como a expressão que mais atraiu a atenção e influenciou com grande impacto naqueles últimos 12 meses. O próprio dicionário define a pós-verdade como apelativo às emoções e distanciamento dos fatos objetivos. O que vivemos hoje é um período no qual conseguimos ver além da distorção da realidade, um agravamento nas relações pessoais.

Os ataques aos fatos também são ataques ao outro e extrapolam aspectos persecutórios à integridade do Ego. Do indivíduo passamos para a sociedade sob os efeitos da *pós-verdade*. No

artigo da revista *The Economist* (ART, 2020), em setembro de 2016, intitulado “Art of the lie”, aponta-se para uma crescente e peculiar maneira de apresentação de versões da realidade. O artigo já considera Trump parte importante deste fenômeno acusando a polarização ideológica. “O Sr. Trump é o principal expoente da política ‘pós-verdade’ – uma confiança em afirmações que ‘parecem verdadeiras’, mas não têm base nos fatos”.

O momento de instalação da pós-verdade se diferencia das crenças e tradições míticas em relação ao invisível e mágico. Nas tradições, há um mecanismo de defesa no contexto social e um pacto pelo ordenamento do simbólico, seja na figura do pajé ou das estórias infantis para explicar o nascimento, sem revelar a condição do relacionamento sexual dos progenitores. A atualidade dessa realidade é feita através do ódio e da expulsão do outro que não compactua com o falseamento e desvela os fatos objetivamente. Esse novo simbólico não está pactuado para uma identidade social e cultural na forma de estar no mundo. A construção da individualidade tem suas razões na dinâmica do mecanismo de defesa e necessita da confirmação do mundo externo para manter seus traumas em segredo. O inconsciente na psicanálise suporta o excesso que incomoda e comunica a insatisfação do sujeito. Na teoria freudiana, a história do sujeito não se confunde com a história do Eu, porém é uma formação de compromisso nessa mediação com o mundo externo e interno e nas instâncias de defesa e suas atuações.

Esse ocultamento da verdade e o correlato com o termo fetichismo da mercadoria (*Warenfetisch*), tal como apresenta Karl Marx (1994), pode ser feito no sentido de análise social e no afastamento do sujeito com aquilo que ele produz. Em outra vertente atualizada na produção da *big data* e a capitalização de fluxos de informações por empresas deixa-se as pessoas de lado em favorecimento ao algoritmo. Já foi decretado que a democracia está afundando em *fake news*. Morozov (2020b), *The Guardian*, aponta o desvirtuamento da verdadeira ameaça. O alienado de Marx (2010) na obra *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844, hoje é um dado dentro do algoritmo utilizado pelas empresas que disputam a atenção e o clique desse que nega os fatos e é negado pelo sistema como sujeito e é incentivado a acreditar em seu mundo na bolha digital criada por uma Inteligência Artificial. A direção da alienação está de fora para dentro nessa visão marxista com a opressão e um sistema corrompido. Em outra perspectiva, o inconsciente metapsicológico se encaixa ao sistema para suprir o que se torna uma simbiose entre essas espécies: o ser humano e a *big data*.

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho social total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho (MARX, 1994, p. 81).

A guerra pela atenção do leitor e a dispersão das *hashtags* (#) colocaram os meios de comunicação nas cordas para a sobrevivência. Observa-se, regularmente, a rede orgânica de

informação pautar a grande mídia. Esse movimento orgânico, no entanto, é ainda um caudaloso mundo de robôs (*bots*) e ferramentas de inteligência artificial com grande capacidade de processamento para os algoritmos obterem uma maior eficiência com o público. Da mesma forma que a disseminação dos conteúdos falsos geram engajamento por fomentar emoções, assim também os meios de comunicação necessitam fragmentar a informação e acrescentar o *pathos*, a paixão ou entrega, ao texto. A supremacia da entrega (*pathos*) nas redes supera o costume (*ethos*) e o pensamento (*logos*) nessa era de pós-verdade e o contexto de convencimento e retóricas atuais (BAUER & GLÄVEANU, 2017) turbinada pelo processamento do *big data*. O Watson da IBM ou outra IA relaciona e descobre em seu algoritmo nosso comportamento em frente à tela antes que tenhamos consciência de nossa decisão. O ambiente virtual tornou-se um motivador, sem qualquer interpretação para meias verdades na análise de dados. O sujeito nas redes mostra exatamente o que ele consome e para onde o fluxo de dados aponta. Hoje, para entender uma sociedade, é preciso ter esse olhar para o ambiente virtual em uma nova ecoambientação e sua dinâmica (STEPHENS-DAVIDOWITZ, 2018).

ENTRE A PANDEMIA E A CLOROQUINA

No ambiente virtual, os tópicos com *hashtags* também desinformam tracionando um discurso anticiência. Pode-se ver líderes políticos amplificando o discurso negacionista como saída para as dificuldades enfrentadas por seus governos. A partir de 11 de março de 2020, com a decretação de uma pandemia pela OMS, líderes mundiais como Donald Trump nos EUA, Daniel Ortega na Nicarágua, Gurbanguly Berdymukhamedov no Turquemenistão, Aleksandr Grigórevich Lukashenko na Belarus e Jair Bolsonaro no Brasil adotaram a prática de negar a periculosidade do vírus Sars-Cov-2, descoberto na China, e que atingiu a humanidade. O presidente brasileiro proferiu uma série de discursos em *lives* negando os efeitos da pandemia no país, resultando em disseminação das *hashtags* com conteúdo negacionista.

Quando analisamos a nuvem de termos pesquisados com a ferramenta Google Trends e a marcação das palavras com as *hashtags* há uma congruência com essa dinâmica simbiótica no ambiente virtual. No dia 12 de março de 2020, a palavra “pandemia” obteve a sua maior alta na ferramenta de busca. Em 21 de março, o termo “cloroquina”, medicamento sem comprovação para combater a Covid-19, aumenta repentinamente o interesse. Seguindo o interesse concomitante com o termo pesquisado “gripezinha Bolsonaro”, relacionado ao pronunciamento do presidente brasileiro minimizando os efeitos da Covid-19. Somente na semana do dia 12 de abril o termo “coronavírus” – o grupo de vírus a que pertence o Sarscov-2 – atingiu seu ápice nas pesquisas na internet. Ainda na pesquisa com a ferramenta Google Trends, após seis meses da declaração da OMS, a pergunta mais registrada no Brasil no item de busca “O que fazer...” é: “O que fazer se estiver com coronavírus?”.

Essa gangorra entre “pandemia” e “cloroquina” segue o fluxo dos discursos polarizados e encontra ressonância em nichos ideológicos como forma de apaziguar as angústias frente à

realidade. A busca por informações segue caminhos pré-determinados por discursos dominantes que se acomodam no imaginário dos internautas. O historiador Robert N. Proctor, citado por Tim Harford (2020), alerta para a produção de ignorância e da desinformação como estratégia de grupos econômicos e de interesse político. A *agnostologia* é o neologismo criado por Proctor para definir essa dinâmica deliberada da ignorância com o auxílio da difusão da informação tendenciosa (HARFORD, 2020).

Os algoritmos impulsionados pelas IAs favorecem a criação de bolhas negacionistas. O uso político dessas narrativas que se estruturam no campo simbólico, tem seus efeitos no imaginário social, intensificados a partir de líderes carismáticos. A relativização da verdade dos fatos por parte da imprensa, abrindo espaço para “verdades declaratórias”, tem contribuído para manifestações contrárias à ciência. A jornalista britânica da CNN, Christiane Amanpour, abordou esse contexto da mídia e os espaços cedidos aos contrários com o discernimento do equilíbrio, objetividade e neutralidade, porém sem perder o horizonte da verdade. Igualar discursos expõe uma falsa equivalência na cobertura jornalística banalizando a verdade (KAKUTANI, 2018, p. 90-91). Esse é o cenário ideal para uma população em crise imersa em informações controversas, o que favorece a ideia de que cada indivíduo possa encontrar a “verdade” que melhor lhe convém, operando os mecanismos de defesa que referimos anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos relacionar o fenômeno das *fake news* com o mecanismo de defesa chamado Negação (*Verneinung*). Expusemos o momento atual da pós-verdade e a disseminação de falsas informações que influenciam a opinião pública, em detrimento dos fatos. A rapidez e o crescente fluxo de conteúdos produzidos para dar resposta aos acontecimentos, como na pandemia, favorece à proliferação de informação inescrupulosa. Diante de uma crise humanitária, a realidade se apresenta, para muitos, de forma insuportável, criando condições favoráveis à aceitação de verdade paralelas (pós-verdade).

Relacionamos em uma análise conjuntural a teoria freudiana da Negação com uma possível delação neurótica atualizada em nosso tempo. Soma-se ao mecanismo de defesa, as exigências performativas de alto desempenho social, nas quais as fragilidades emocionais e singulares vêm como impedimento aos investimentos genuínos. O indivíduo é tanto cobrado por si mesmo em demandas internas, quanto por capturas externas que solicitam engajamento social, lucro rápido e independência financeira. Esse fato aumenta o desnivelamento das estratificações sociais e a especulação financeira em oposição ao ideal liberal de possíveis ganhos de futuras gerações (PIKETTY, 2014).

As *fake news* e seu volume desenfreado perturba, de maneira consistente, a escolha das pessoas sobre informações apropriadas ao seu escopo orientado ao desenvolvimento pessoal.

A manipulação ideológica interfere nas escolhas políticas. Pode-se observar o fechamento das fronteiras entre os países, o crescimento da xenofobia, ódio aos estrangeiros, e as disputas pela tecnologia de ponta.

A contribuição da psicanálise, mais uma vez, é mostrar que o indivíduo não é o senhor de sua própria morada (FREUD, 1917/1996). No que se refere à pós-verdade e a produção e consumo de *fake news*, a sociedade está às voltas de suas fantasias, tanto de negar o que possa produzir desprazer, quanto ao desejo de superar suas faltas. Talvez este seja o ponto central das limitações de nossos dispositivos de captura e análise da verdade. Estamos entre fronteiras para resolver o impasse da modernidade com risco à democracia e às liberdades.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. (1964) *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ART of the lie. *The Economist*, Londres, 10 set. 2016. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie>. Acesso em: 12 ago. 2020.

BAUER, Martin W. & GLÄVEANU, Vlad P. Comunicação como retórica e argumentação. In: HOOK, Derek; FRANKS, Bradley; BAUER Martin W. *A psicologia social da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 285-309.

CASTRO, L. G. S. La Belle Indifférence direcionada ao outro. In: Ricardo Timm de Souza; Marcelo Leandro dos Santos; Pedro Savi Neto; Renata Guadagnin. (Org.). *Adorno e Freud: encontros contemporâneos*. Porto Alegre: FI, 2017, v. 1, p. 139-146.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FREUD, Sigmund. & BREUER, Josef. (1893-1895) Estudos sobre a histeria. In: STRACHEY, James (Org.). *Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição *standard* brasileira, Vol. II).

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. n: STRACHEY, James (Org.). *Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição *standard* brasileira, Vol. IV e V).

_____. (1901) Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. *In: STRACHEY, James (Org.). Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição *standard* brasileira, Vol. VI).

_____. (1913) Totem e tabu. *In: STRACHEY, James (Org.). Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição *standard* brasileira, Vol. XIII).

_____. (1915) Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença. *In: STRACHEY, James (Org.). Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição *standard* brasileira, Vol. XII).

_____. (1917) Conferência XVIII: Fixação em traumas, O Inconsciente. *In: STRACHEY, James (Org.). Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição *standard* brasileira, Vol. XVI).

_____. (1918) História de uma neurose infantil. *In: STRACHEY, James (Org.). Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição *standard* brasileira, Vol. XVII).

_____. (1925) A Negativa. *In: STRACHEY, James (Org.). Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição *standard* brasileira, Vol. XIX).

_____. (1927) Fetichismo. *In: STRACHEY, James (Org.). Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição *standard* brasileira, Vol. XXI).

_____. (1929) Mal-estar na civilização. *In: STRACHEY, James (Org.). Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição *standard* brasileira, Vol. XXI).

_____. Esboço de psicanálise (1940). *In: STRACHEY, James (Org.). Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, (Edição *standard* brasileira, Vol. XXIII) p. 168-247.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARFORD, Tim. The problem with facts. *Financial Times*, Londres, 09 mar. 2017.

Disponível em: <https://www.ft.com/content/eef2e2f8-0383-11e7-ace0-1ce02ef0def9>. Acesso em: 14 set. 2020.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

JAMESON, Fredric. (1991) *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

KAKUTANI, Michiko. *A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LUPA. Como a agência Lupa faz suas checagens? *Revista Piauí*, 15 out. 2015. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>. Acesso em: 22 set. 2020a.

_____. #Verificamos: É falso que vinagre é mais eficiente que álcool gel na proteção contra o novo coronavírus. *Revista Piauí*, 03 mar. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/03/verificamos-vinagre-coronavirus/>. Acesso em: 22 set. 2020b.

_____. #Verificamos: É falso texto que indica vitamina C e água quente com limão como prevenção contra o novo coronavírus. *Revista Piauí*, 04 mar. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/04/verificamos-vitamina-coronavirus/>. Acesso em: 22 set. 2020c.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 6 vols. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução Claudio Marcondes. São Paulo: Editora UBU, 2018.

_____. The rise of data and the death of politics. *The Guardian*, Londres, 20 jul. 2014. <https://www.theguardian.com/technology/2014/jul/20/rise-of-data-death-of-politics-evgeny-morozov-algorithmic-regulation>. Acesso em: 22 set. 2020a.

_____. Moral panic over fake news hides the real enemy – the digital giants. *The Guardian*, Londres, 08 jan. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/jan/08/blaming-fake-news-not-the-answer-democracy-crisis>. Acesso em: 20 ago. 2020b.

NEGAÇÃO. In: Dicio: Dicionário Online de Português, definições e significados de mais de 400 mil palavras. 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/negacao/>. Acesso: 24 ago. 2020.

PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

STEPHENS-DAVIDOWITZ, Seth. *Todo mundo mente*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

STOLLER, Robert. *Perversão: a forma erótica do ódio*. São Paulo: Hedra, 2015.

TESICH, Steve. A Government of Lies. *The Nation*, 06 jan. 1992. Disponível em: <https://www.questia.com/read/1G1-11665982/a-government-of-lies>. Acesso em: 22 set. 2020.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, v. 1, 2012.

WORD of the year 2016. *Oxford Languages*, Oxford, 2016. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 12 ago. 2020.